

Tradutores do orvalho: tradução e crioulização em *Gouverneurs de la rosée*, de Jacques Roumain

Translators of the dew: translation and creolization in Jacques Roumain's *Gouverneurs de la rosée*

Não totalmente francesa

Soam
sob o silêncio
da noite da cidade
de Paris

[...]

a língua da ilha-litânia
de Aimé Césaire

A língua-balafong
de Sédar Senghor

[...]

a língua sem máscaras
brancas de Frantz Fanon

[...]

a língua-zona de fronteira
de Patrick Chamoiseau
a língua dos três rios

que correm nas veias
de Leon-Gontran Damas

a língua errante
do caos-mundo
de Édouard Glissant

[...]

A língua da *Marselhesa*
convertida em samba
por Clementina de Jesus
no Olympia
anterior à fadiga
de todas as línguas

A língua dos que
ninguém nunca ouve – não
totalmente francesa

(Ricardo ALEIXO 2018: 91-93)

Thiago Mattos^{1*}

^{1*}Professor de tradução e literaturas de língua francesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Autor, com Álvaro Faleiros, de *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert* (2017). E-mail: thiagomattos.lit@ufjf.br

Henrique Provinzano Amaral^{2**}

Resumo: *Gouverneurs de la rosée* (1944), de Jacques Roumain, é um romance central da literatura haitiana, o que se deve em grande parte ao projeto político-poético de criação de uma língua literária haitiana. Neste artigo, pretendemos analisar de que maneira Roumain elabora uma língua que, sem abrir mão do francês, consegue, no entanto, criouliá-lo. Partindo de Glissant (1981, 1990, 1995), Laroche (1991) e Combe (1995, 2019), e por meio da análise de uma seleção de trechos, identificamos no romance um dispositivo de narração baseado na lógica tradutória, pela qual Roumain *cria* uma língua literária capaz de desterritorializar o leitor francófono e reterritorializar a língua francesa em presença do *créole*, subvertendo a hierarquia que caracteriza a diglossia, herdada da história colonial, entre francês e crioulo no Haiti.

Palavras-chave: Jacques Roumain; Tradução; Crioulização; Literatura haitiana; *Gouverneurs de la rosée*.

Abstract: Jacques Roumain's *Gouverneurs de la rosée* is a central novel of Haitian literature, which is largely due to its political-poetic project of creating a Haitian literary language. In this paper, we propose to analyze how Roumain elaborates a language that, without renouncing French, nevertheless manages to creolize it. Based on Glissant (1981, 1990, 1995), Laroche (1991) and Combe (1995, 2019), and through the analysis of a selection of excerpts, we identify in the novel a narrative strategy inscribed in the translational logic, by which Roumain creates a literary language capable of deterritorializing the French-speaking reader and reterritorializing the French language in the presence of the Creole. This process subverts the hierarchy that characterizes the diglossia, inherited from colonial history, between French and Creole in Haiti.

Keywords: Jacques Roumain; Translation; Creolization; Haitian literature; *Gouverneurs de la rosée*.

Résumé: *Gouverneurs de la rosée* (1944) de Jacques Roumain est un roman central de la littérature haïtienne, dû notamment à son projet politico-poétique de créer une langue littéraire haïtienne. Dans cet article, nous nous proposons d'analyser comment Roumain élabore une langue qui, sans renoncer au français, parvient néanmoins à le créoliser. À partir de Glissant (1981, 1990, 1995), Laroche (1991) et Combe (1995, 2019), et à travers l'analyse d'une sélection d'extraits, nous identifions dans le roman un dispositif narratif inscrit dans la logique traductive, par lequel Roumain crée une langue littéraire capable de déterritorialiser le lecteur francophone et reterritorialiser la langue française en présence du créole. Ce processus subvertit la hiérarchie qui caractérise la diglossie, héritée de l'histoire coloniale, entre le français et le créole en Haïti.

Mots-clés: Jacques Roumain; Traduction; Créolisation; Littérature haïtienne; *Gouverneurs de la rosée*.

^{2**} Doutorando (bolsa CAPES) em Letras Estrangeiras e Tradução (FFLCH-USP). Organizador e tradutor de *Estilhaços: antologia de poesia haitiana contemporânea* (2020). E-mail: amaralhenriquep@gmail.com

Gouverneurs de la rosée, de Jacques Roumain (1907-1944), foi publicado poucos meses após a morte do autor, em 1944. Tal é seu impacto que existiria um romance haitiano “antes” e um “depois” de Roumain (CHAULET-ACHOUR 2016: 111), centralidade atestada por Dany Laferrière:

Cada país tem seu Roumain, isto é, um escritor que, de certa forma, resume os sonhos, o ânimo e os fracassos de sua sociedade... Alguém que não hesita em desferir umas quantas verdades a seus compatriotas. Para o caso do Québec, penso em Miron. Para o do Haiti, em Roumain³. (LAFERRIÈRE 2007: quarta capa).

O romance resume algumas das principais questões do discurso literário haitiano - e antilhano como um todo, na medida em que o Haiti funciona como o ponto focal do Caribe (GLISSANT 2008). Trata-se, afinal, de um dos primeiros romances caribenhos a crioulizar o francês (LAROCHE 1991: 163), de modo que não seria exagerado ver nele a precursão de certa antilhanidade e crioulização de Glissant, de certa crioulidade de Chamoiseau, Confiant e Bernabé, em suma, de certa *criação*⁴ linguístico-literária capaz de romper com a lógica da diglossia francocêntrica - “Chamo de diglossia [...] a dominação de uma língua por uma ou muitas outras, numa mesma região”⁵ (GLISSANT 1990: 132) - e abrir-se para a polifonia linguística haitiana, já que “[o] multilinguismo é um dado do Caribe”⁶ (GLISSANT 1997 [1981]: 616).

O protagonista do romance, Manuel, imbuído do espírito de rebelião, emancipação e autodeterminação que banha a história haitiana, a começar pela Revolução (1791-1804) - “Haïti onde a negritude pôs-se de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade”, escreve Césaire (2012: 31) - traduz “em bom crioulo a linguagem exigente da baixada

³ “*Chaque pays a son Roumain, c’est-à-dire un écrivain qui résume en quelque sorte les rêves, les élans et les échecs de sa société... C’est plutôt quelqu’un qui n’hésite pas à asséner ses quatre vérités à ses compatriotes. Pour le Québec, je pense à Miron. Pour Haïti, c’est Roumain*”. Sempre que uma citação for acompanhada de seu texto de partida em nota, sua tradução será de nossa autoria.

⁴ O verbo *criar* é produtivo quando nos referimos ao *créole*. Como lembra Confiant (2004), etimologicamente “a palavra ‘créole’ provém do latim *creare*”, apontando para uma criatividade que se espalha para além da língua, tocando um processo de recriação constante e imprevisível de práticas culturais, identidades, modos de escrita etc.

⁵ “*J’appelle diglossie - notion apparue en linguistique mais déclarée non opératoire par les linguistes - la domination d’une langue sur une autre ou plusieurs autres, dans une même région*”.

⁶ “*Le multilinguisme est une donnée de la Caraïbe*”.

sedenta, o pranto das plantas, as promessas e as miragens todas da água”⁷ (ROUMAIN 1977: 181), encontra uma nascente, desfaz a discórdia entre a gente de Fonds-Rouge, reassenta o senso de trabalho coletivo (*coumbite*) e faz jorrar vida nova onde antes era tudo seca e morte.

No Brasil, *Gouverneurs de la rosée* foi traduzido e retraduzido: a primeira tradução aparece em 1954, pelas mãos de Emmo Duarte, na coleção *Romances do Povo*, coordenada por Jorge Amado para a Editorial Vitória, ligada ao PCB. A segunda é publicada em 2020 pela editora Carambaia, com tradução de Monica Stahel. Num próximo artigo, em processo de escrita, nos debruçaremos especificamente sobre elas. Antes disso, julgamos necessário investigar de que maneira se elabora e se inaugura no romance uma língua literária haitiana. Para consegui-lo, Roumain constrói, sob o espírito do *indigénisme* dos anos 1920-1940, um sofisticado dispositivo enunciativo no interior da narrativa, no qual a relação tradutória permite ao mesmo tempo promover o *créole* à língua literária e apropriar-se da língua francesa, que deixa de ser língua do colonizador para ser língua do descolonizado. Roumain criará essa língua literária, nem *créole* nem *français-français*, uma plurilíngua habitada pelo *créole*, pelo francês-francês, pelo francês haitiano... Parafraseando Dominique Combe (2019: 127), podemos afirmar que a expressão privilegiada do multilinguismo (mesmo desigual, como no caso antilhano) “é a tradução, e é natural que os escritores francófonos, dotados de supraconsciência linguística, pensem sobre essa questão de maneira particularmente aguda”⁸.

1. Breve percurso de um romance *indigéniste*

Etnógrafo, diplomata e político, Jacques Roumain foi também poeta, ensaísta e romancista, tendo sido um dos fundadores da *Revue Indigène* (1927). O *indigène* não se refere aqui aos povos originários, dizimados pelos

⁷ “Manuel avait traduit en bon créole le langage exigeant de la plaine assoiffée, la plainte des plantes, les promesses et tous les mirages de l’eau”.

⁸ “L’expression privilégiée du bilinguisme (même inégal) est la traduction, et il est naturel que les écrivains francophones, atteints de surconscience linguistique, y réfléchissent de manière plus aiguë encore”.

européus, mas à descoberta e à promoção poética do “*natif-natal*” (ROUMAIN 1977: 36), isto é, do “autenticamente haitiano”, do popular intocado pelo eurocentrismo das elites:

O indigenismo constituiu uma guinada, por parte de escritores e artistas, incorporando a cultura popular, até então relegada à margem da sociedade; portanto, percebe-se uma homologia entre indigenismo, nacionalismo e haitianidade (FIGUEIREDO 2020: 193-194).

Essa “busca pela autenticidade nacional”⁹ (SEMUJANGA 2004: 38) faz-se ouvir principalmente em Jean Price-Mars (1876-1969), que, em *Ainsi parla l’Oncle* (1928), defendia que os escritores deixassem de imitar o imaginário europeu e se voltassem para as criações populares do Haiti:

É preciso por vezes recorrer a essa imensa reserva que é nosso folclore a fim de encontrar a matéria de nossas obras, essa reserva em que se condensam há séculos os motivos de nossas volições, em que se elaboram os elementos de nossa sensibilidade, onde se edifica a trama de nosso caráter enquanto povo, nossa alma nacional¹⁰. (PRICE-MARS 2008: 189-194).

Nas criações populares sistematicamente menosprezadas por uma elite sob efeito do *bovarismo coletivo* [*bovarysme collectif*] (PRICE-MARS 2008: 12), o artista *indigéniste* poderia encontrar a singularidade poética haitiana. Esse bovarismo teria sido responsável por recalcar as origens africanas em prol de uma francofilia herdada diretamente do passado colonial. Consolidando as bases teóricas indigenistas, Price-Mars inaugura o espírito de retorno às raízes identitárias africanas, o que não deixaria de alimentar, alguns anos mais tarde, a Negritude de Césaire, Damas e Senghor.

O indigenismo engendra ao mesmo tempo uma postura política, poética e cultural para o escritor haitiano, que se distancia da referência europeia e se volta para si mesmo, para as expressões populares das suas origens recalçadas. Como explica Semujanga (2004: 40), o indigenismo evidencia e

⁹ “*quête de l’authenticité nationale*”.

¹⁰ “[I]l faudrait que la matière de nos oeuvres fut tirée quelquefois de cette immense réserve qu’est notre folk-lore, où se condensent depuis des siècles les motifs de nos volitions, où s’élaborent les éléments de notre sensibilité, où s’édifie la trame de notre caractère de peuple, notre âme nationale”.

combate um conflito próprio da sociedade haitiana pós-independência: uma burguesia *mulâtre*, com acesso à educação europeia, vê na língua francesa, que domina, um marcador identitário, enquanto as classes média e populares, majoritariamente negras, são estigmatizadas e depreciadas - o *créole* como língua corrompida, o *vodou* como satanismo.

Muitos dos jovens ligados ao indigenismo, como Roumain, eram eles mesmos oriundos da burguesia *mulâtre* contra a qual se insurgem (FIGUEIREDO 2020: 193): viajando à Europa, entram em contato com o espírito das vanguardas, veem de fora o que não viam de dentro do Haiti, e elaboram uma abordagem político-cultural em torno do significante *indigénisme*, na qual a complexidade linguística antilhana e a herança africana das práticas sociais (religião, vestuário, alimentação etc.) deixam de significar ignorância e se tornam combustível de um movimento de reelaboração do discurso literário e de oposição às heranças colonialistas.

O indigenismo constitui-se, portanto, como movimento literário, cultural, social e político, mas também, em razão da situação diglôssica do Haiti, como movimento linguístico: caberia ao escritor haitiano descobrir, talvez *criar*, uma língua literária, na medida em que é na língua que se dá a ver, a ouvir, a ler a busca desse elemento nacional-*indigène* que funda e move o discurso literário haitiano. Acrescente-se a isso a inspiração comunista de muitos desses autores (Roumain, em 1934, funda o Partido Comunista Haitiano) e veremos que a abordagem do movimento é eminentemente revolucionária: realizar a revolução cultural que a Revolução Haitiana não teria sido capaz de levar adiante.

A partir daí, a dimensão sociopolítica atravessa radicalmente a dimensão poético-linguística na literatura haitiana, não apenas em termos de “matéria” (para retomar Price-Mars), recorrendo a temáticas e elementos até então ausentes da narrativa haitiana, mas também em termos de construção linguístico-literária. A busca pelo autenticamente *indigène* torna-se também a busca por formas literárias, estruturas linguísticas, léxico, metáforas, descrições, em suma, a busca por maneiras de dizer o real haitiano, marcado, como aprofundaremos, pelo multilinguismo.

Na esteira *indigéniste*, Roumain escreve *Gouverneurs de la rosée*. De um lado, trata-se de mais um *récit paysan* [narrativa camponesa] - seu romance *La montagne ensorcelée*, de 1931, tem esse subtítulo -, trazendo à cena personagens e elementos inseridos na paisagem rural haitiana: os trabalhadores do campo, mas também o *vodou*, o *coumbite*, as estratégias para resistir à fome, o sincretismo religioso, as práticas de socialização. De outro lado, trata-se de um romance cuja escrita aprofunda a busca por uma língua capaz de dizer esse universo social e cultural.

Não se trata de uma preocupação totalmente nova no discurso literário haitiano. Na poesia, Chaulet-Achour (2010: 66) evoca Oswald Durand (1840-1906) e seu poema *Choucouné*, escrito em *créole* propriamente dito. Na prosa, Dalembert e Trouillot (2010) mencionam o caso de Justin Lhérisson:

O primeiro a introduzir uma prática popular na literatura haitiana foi Justin Lhérisson [...], [que] publica no começo do século XX duas “audiências”: essa forma de narrativa oral aplica técnicas do conto à realidade imediata; utiliza uma linguagem direta e corrente, feita de uma mistura de francês e crioulo; deixa que os personagens falem ao seu modo [...] Mais tarde, Jacques Roumain inventa, em *Gouverneurs de la rosée*, um francês decididamente trabalhado pelo *créole*¹¹. (DALEMBERT & TROUILLOT 2010: 58).

A busca por uma língua literária haitiana já se fazia presente em obras anteriores ao indigenismo. É com *Gouverneurs de la rosée*, no entanto, que temos o caso mais célebre desse tipo de investida e a cristalização de certa relação entre língua *créole* e língua francesa, atravessada, como veremos, pela encenação de um duplo ato tradutório.

Roumain termina o romance em julho de 1944, falece em agosto do mesmo ano e a primeira edição sai em dezembro, em Porto Príncipe, numa tiragem mínima. Por provável intermédio de Louis Aragon (HOFFMANN 2003), sai em 1946, na Éditions Réunis, a edição francesa, e *Gouverneurs de la rosée* começa a se tornar um sucesso comercial: reeditado numerosas vezes na

¹¹ “Le premier à introduire une pratique populaire dans la littérature haïtienne fut Justin Lhérisson. [...] Il publie au début du XX^e siècle deux ‘audiences’ : cette forme de récit oral applique les techniques du conte à la réalité immédiate ; utilise un langage direct et courant fait d’un mélange de français et de créole ; laisse s’exprimer les personnages, le narrateur jouant le rôle de rapporteur [...] Plus tard, Jacques Roumain invente, dans *Gouverneurs de la rosée*, un français résolument travaillé par le créole”.

França (Club Français du Livre, Temps actuel, Messidor, Le Temps des Cerises, Zulma...), publicado em francês na Rússia, Martinica, Argélia, Québec, Estados Unidos, e rapidamente traduzido em vários países - Alemanha (1948), Espanha (1951), Israel (1948), Itália (1948), Países Baixos (1950), Polônia (1949) formam apenas um pequeno elenco de mais de quinze traduções nos dez anos subsequentes à primeira publicação. No Brasil, como já registramos, a primeira tradução aparece em 1954 (Emmo Duarte); a segunda, em 2020 (Monica Stahel).

Além de montagens para o teatro, são realizadas duas adaptações para o cinema: *Cumbite*, em 1964, por Tomás Gutiérrez Alea, célebre diretor cubano de *Memorias del subdesarrollo* (1968), e o homônimo *Gouverneurs de la rosée*, de Maurice Failevic, em 1975. Vale mencionar, por fim, uma adaptação para a Radio-Haïti Inter, em 1972. Os diálogos foram traduzidos para o *créole* e o texto do narrador foi mantido no original em “francês”, estratégia de adaptação que, como veremos, explicita questões importantes para este trabalho.

2. Da seca à nascente: morte e renascimento de uma comunidade dividida

Na abertura do romance, a comunidade de Fonds-Rouge está assolada pela seca. Ouvimos a voz de Délira Délivrance, mãe de Manuel, que pega um punhado de poeira e sentencia: “todos nós morremos: os bichos, as plantas, os cristãos vivos, ó Jesus-Santa-Virgem-Maria”¹² (ROUMAIN 1977: 17). Tudo morreu: os morros desmatados, a terra dura, os campos sem plantação.

Existe a seca, mas existe também a memória de um tempo próspero, em que o trabalho comunitário do *cumbite*, num ambiente menos cindido, garantia a bonança. Cantando, a comunidade trabalhava a terra, o sol aparecia “como uma espuma de orvalho”¹³ (ROUMAIN 1977: 23). Em casa, todos tinham comida. Para completar o quadro de desolação e abandono, o filho

¹² “*nous mourrons tous: les bêtes, les plantes, les chrétiens vivants, ô Jésus-Marie la Sainte Vierge*”.

¹³ “*Et le soleil soudain était là. Il moussait comme une écume de rosée sur le champ d’herbes*”.

(Manuel) partiu e não voltou: “A velha Délira pensa no seu menino, Manuel é o nome dele, foi embora há muitos anos para cortar cana em Cuba. Deve estar morto agora, em país estrangeiro, repete ela”¹⁴ (ROUMAIN 1977: 32). A morte, portanto, reina em tudo: nas plantas, na falta d’água, na memória de uma abundância passada, na desavença entre os moradores de Fonds-Rouge, no filho desaparecido.

Manuel, no entanto, reaparece. “Pare”, é a primeira palavra que diz no romance, dirigindo-se ao motorista do caminhão, com quem pegou carona. A partir daí, a narrativa é invadida por uma atmosfera de ruptura. Duas coisas Manuel traz de Cuba. Primeiro, uma porção de vocábulos estrangeiros: “*Carajo*” (segunda palavra que pronuncia), “*aguantar*”, “*huelga*”, “*compadre*”... significantes que ecoam na sua estrangeiridade um modo outro de agir no mundo. Segundo, uma aguçada consciência crítica e política forjada nos ideais que circulavam numa Cuba pré-revolucionária:

Pois bem, somos este país, e ele não é nada sem nós, nada mesmo. Quem é que planta, quem é que rega, quem é que colhe? [...] Não sabemos ainda que somos uma força, uma única força: todos os moradores, todos os pretos juntos, das baixadas e dos morros. Um dia, quando tivermos entendido essa verdade, vamos nos levantar de uma ponta a outra do país, e vamos fazer a assembleia geral dos governadores do orvalho, o grande *coumbite* dos trabalhadores da terra para lavrar a miséria e plantar a vida nova¹⁵. (ROUMAIN 1977: 96-97).

Diante da seca, Manuel começa a buscar uma nova nascente. Encontra a fonte, mas sabe que não há meios de trazer a água: desintegrados, desunidos, os moradores de Fonds-Rouge definham, odiando-se. Apenas para Annaïse, por quem se apaixona, segreda a localização da nascente. Ela mesma, aliás, pertence a um grupo inimigo daquele dos seus pais.

¹⁴ “*La vieille Délira pense à son garçon, Manuel qu’il s’appelle, parti il y a des années couper la canne à sucre à Cuba. Il doit être mort maintenant, en pays étranger, répète-t-elle*”.

¹⁵ “[E]h bien, nous sommes ce pays et il n’est rien sans nous, rien du tout. Qui est-ce qui plante, qui est-ce qui arrose, qui est-ce qui récolte ? [...] nous ne savons pas encore que nous sommes une force, une seule force : tous les habitants, tous les nègres des plaines et des mornes réunis. Un jour, quand nous aurons compris cette vérité, nous nous lèverons d’un point à l’autre du pays et nous ferons l’assemblée générale des gouverneurs de la rosée, le grand *coumbite* des travailleurs de la terre pour défricher la misère et planter la vie nouvelle”.

Manuel é o pacificador, o reintegrador, e sabe que apenas o trabalho de toda a comunidade poderá cavar um canal e trazer a água. A solução não virá de nenhum anjo ou divindade:

O bom Deus não tem nada a ver com nada disso [...] Existem os assuntos do céu e existem os assuntos da terra: são coisas diferentes, que não se misturam. O céu é um pasto para os anjos; estão bem satisfeitos; não precisam se preocupar com comida nem bebida. [...] Mas a terra, ela é uma batalha por dia, uma batalha sem descanso¹⁶. (ROUMAIN 1977: 51-52).

A solução não virá nem mesmo do vodu, que Manuel respeita como prática cultural, mas não como solução política em si:

- [...] [T]enho consideração pelos costumes dos anciãos, mas o sangue de um galo ou de um cabrito não pode trocar as estações, mudar o curso das nuvens e enchê-las d'água que nem bexigas. Naquela noite, no serviço para Legba, dancei e cantei todo contente: sou preto, não sou? [...] Mas é só isso.
- Foi nesse país de Cuba que te ensinaram essas coisas?¹⁷ (ROUMAIN 1977: 116).

A verdadeira tarefa de Manuel, herói exemplar e divulgador de uma consciência crítica, não é tanto encontrar a nascente (o que ele consegue com bastante facilidade), mas reconciliar os *paysans* em torno de um objetivo comum: vencer a morte (seca) e replantar a vida nova.

Esse trabalho de reconciliação passa pela palavra. Dotado de uma “*langue habile*” (ROUMAIN 1977: 66), falando em “*huelga*”, em “uma única força” e prometendo se tornarem juntos “governadores do orvalho”, Manuel começa a se indispor com o poder institucional: “Você fala demais, pelo visto [...] [E]ssas tuas palavras não são do agrado das autoridades, são palavras de

¹⁶ “*Le bon Dieu n’a rien à voir là-dedans. [...] Il y a les affaires du ciel et il y a les affaires de la terre : ça fait deux et ce n’est pas la même chose. Le ciel, c’est le pâturage des anges ; ils sont bienheureux ; ils n’ont pas à prendre soin du manger et du boire. [...] Mais la terre, c’est une bataille jour pour jour, une bataille sans repos [...] [C]’est pas Dieu qui abandonne le nègre, c’est le nègre qui abandonne la terre et il reçoit sa punition : la sécheresse, la misère et la désolation*”.

¹⁷ “- [...] [J]’ai de la considération pour les coutumes des anciens, mais le sang d’un coq ou d’un cabri ne peut faire virer les saisons, changer la course des nuages et les gonfler d’eau comme des vessies. L’autre nuit, à ce service de Legba, j’ai dansé et j’ai chanté mon plein contentement : je suis nègre, pas vrai ? [...] Mais c’est tout. - C’est dans ce pays de Cuba que tu as pris ces idées-là ?”.

rebelião”¹⁸ (ROUMAIN 1977: 104). Paralelamente, indispõe-se também com Gervilen, anti-herói soturno, violento, enamorado da mesma Annaïse - que a essa altura já tinha sucumbido às investidas amorosas de Manuel e gestava, em segredo, um filho seu. Depois de uma reunião com o grupo inimigo, na qual tenta, com certo sucesso, convencê-los da necessidade de reconciliação, ao voltar para a casa por um caminho escuro, Manuel é apunhalado.

A água vira sangue, isto é, a morte de Manuel, mas também sacrifício em prol de vida nova. No leito de morte, em tom messiânico, oferece-se em sacrifício:

O ódio, a vingança entre os moradores. A água estará perdida. Vocês ofereceram sacrifícios aos loa, ofereceram o sangue das galinhas e dos cabritos para fazer cair a chuva, e não adiantou de nada. Porque o que conta é o sacrifício do homem. É o sangue do preto. Vai falar com Larivoire. Diz para ele a vontade deste sangue derramado: a reconciliação, a reconciliação para que a vida recomece, para que o dia nasça sobre o orvalho. [...] E cantem meu luto, cantem meu luto com um canto de coumbite¹⁹. (ROUMAIN 1977: 221).

Curiosa solução arranjada por Manuel: falava tanto, tinha língua tão habilidosa, pela palavra traduzia *en bon créole* a língua da natureza e tentava reatar os laços cortados da comunidade, e percebe agora que, morrendo apunhalado, não deve incriminar quem o feriu - na cena, tudo leva a crer ter sido Gervilen. Assim, é pelo silêncio que se conseguirá evitar a vingança, reorganizar o *coumbite* e trazer a água (e a vida) para Fonds-Rouge.

Sua mãe e Annaïse cumprem o pacto de silêncio, Délira conclui a reconciliação iniciada por Manuel, Annaïse mostra para os moradores onde fica a nascente e todos reunidos cavam o canal:

- Eles estão lá em cima - disse Annaïse, esticando o braço para um morro arborizado. - É lá que eles estão trabalhando.

¹⁸ “*Tu causes toutes sortes de paroles, il paraît. [...] Eh bien, elles ne sont pas du goût des autorités, ce sont des paroles de rébellion*”.

¹⁹ “*La haine, la vengeance entre les habitants. L'eau sera perdue. Vous avez offert des sacrifices aux loa, vous avez offert le sang des poules et des cabris pour faire tomber la pluie, ça n'a servi à rien. Parce que ce qui compte, c'est le sacrifice de l'homme. C'est le sang du nègre. Va trouver Larivoire. Dis-lui la volonté du sang qui a coulé : la réconciliation, la réconciliation pour que la vie recommence, pour que le jour se lève sur la rosée. [...] Et chantez mon deuil, chantez mon deuil avec un chant de coumbite*”.

[...] E então um enorme clamor jorrou. [...]
 Os moradores surgiam correndo do morro, atirando o chapéu para cima, dançando e se abraçando.
 [...]
 Uma fina lâmina de prata avançava pela baixada e os moradores a acompanhavam gritando e cantando. [...]
 - Oh, Manuel, Manuel, Manuel, por que você morreu? - gemeu Délira.
 - Não - disse Annaïse, e sorriu através das lágrimas -, não, ele não morreu.
 Pegou a mão da velha e a apertou de leve na sua barriga, onde se mexia a vida nova²⁰. (ROUMAIN 1977: 264-265).

3. Duas cenas tradutórias: a criação de uma língua literária haitiana

Como notaram Gina Thésée e Paul R. Carr (2015: 9-11), Manuel assume no romance uma série de papéis: o migrante, o etnólogo, o crítico social, o cientista, o educador, o personagem bíblico, o amante, o agente de transformação social... Ora, acreditamos que é preciso acrescentar aquele que talvez seja o mais importante: Manuel *tradutor*.

A encenação de um processo tradutório cumpre em *Gouverneurs de la rosée* papel primordial na estruturação do romance e na construção de uma língua literária haitiana. Duas cenas tradutórias concorrem nesse sentido, formando o que talvez pudéssemos chamar, ecoando Laroche (1991), uma dupla encenação tradutória em *Gouverneurs de la rosée*.

A primeira cena tradutória diz respeito ao protagonista Manuel. Nas palavras do narrador, em trecho que já mencionamos, “Manuel **traduzira em bom crioulo** a linguagem exigente da baixada sedenta, o pranto das plantas, as promessas e as miragens todas da água”²¹ (ROUMAIN 1977: 181, grifo nosso).

²⁰ “— C’est là qu’ils sont, dit Annaïse, tendant le bras vers un morne boisé. C’est là qu’ils travaillent. [...] Et puis une énorme clameur jaillit. [...] Les habitants surgissaient en courant du morne, ils lançaient leurs chapeaux en l’air, ils dansaient, ils s’embrassaient [...] Une mince lame d’argent s’avançait dans la plaine et les habitants l’accompagnaient en criant et en chantant. Antoine marchait à leur tête et il battait son tambour avec orgueil. — Oh Manuel, Manuel, Manuel, pourquoi es-tu mort ? gémit Délira. — Non, dit Annaïse et elle souriait à travers ses larmes, non, il n’est pas mort. Elle prit la main de la vieille et la pressa doucement contre son ventre où remuait la vie nouvelle”.

²¹ “Manuel avait traduit en bon créole le langage exigeant de la plaine assoiffée, la plainte des plantes, les promesses et tous les mirages de l’eau”.

Os moradores não entendem essa linguagem outra, estrangeira, do mundo natural: arrancaram as árvores, desmataram os morros, devastaram as planícies. Esta é a tarefa do tradutor Manuel: traduzir para a língua da comunidade (o *créole*) a linguagem do mundo natural, e servir de elo capaz de reunir os dois grupos que, separados, incomunicáveis, definham.

A segunda cena tradutória diz respeito ao próprio narrador. Manuel traduz “*en bon créole*”, afirmação que explicita para o leitor francófono aquilo que para um haitiano seria óbvio: os moradores de Fonds-Rouge se falam (ou deixam de se falar) não em francês, mas em *créole*. O romance que lemos, no entanto, exceto em breves transcrições diretas de cantos e provérbios, está em francês. Ou seja, o narrador empreendeu uma tarefa de traduzir do *créole* do contexto rural haitiano para o francês literário do romance. Nesse gesto tradutório, *cria* uma língua francesa outra, crioulezada no seio do multilinguismo caribenho e, como afirmaria Glissant (2005: 49) a respeito de sua própria escrita, “na presença de todas as línguas do mundo”.

Para Laroche (1991: 24-25), a literatura haitiana seria marcada por uma clivagem: de um lado, uma literatura em língua francesa, “externa”, fruto das muitas diásporas; de outro, uma literatura em haitiano (Laroche evita o termo *créole*, a fim de marcar o *créole* como língua, não como “dialeto”, “falar”, “*patois*”), “interna”, que resiste à dominação exterior representada pela língua francesa. Obras como *Gouverneurs de la rosée* ocupariam um lugar à parte, na medida em que “traduzem a vontade de elaborar uma passagem entre essas duas cenas pela intercomunicação das duas línguas, francesa e haitiana, utilizadas na escrita”²² (LAROCHÉ 1991: 25), subvertendo a relação de subordinação do haitiano ao francês. No caso de *Gouverneurs de la rosée*, a criação de uma espécie de dupla cena de tradução (Manuel tradutor “*en bon créole*”; narrador tradutor para o leitor francófono) fornece o dispositivo narrativo que permitirá a criação de uma língua literária *outra* em relação ao francês, porque atravessada pelo *créole*, sem ter que abrir mão do gesto político de se *apropriar*, pela escrita, dessa língua francesa.

²² “*traduisent la volonté de ménager un passage entre ces deux scènes par l’intercommunication des deux langues, française et haïtienne, utilisées dans l’écriture*”.

Essa língua literária é fruto de uma negociação constante (CHAULET-ACHOUR 2010: 67): entre o *créole* do Haiti, entre o leitor francófono não haitiano (leitor mais frequente do romance, como sua história editorial sugere), entre o poder institucional do francês-francês, entre as propostas e experimentações *indigénistes*. Essas tensões negociadas e renegociadas se escrevem e inscrevem no texto graças a essa dupla encenação tradutória. O narrador, ao mesmo tempo que se reconhece como integrante do povo haitiano (“Temos uma palavra para isso, nós pretos do Haiti”²³, ROUMAIN 1977: 177), faz as vezes de um tradutor que vai além da transposição linguística dos diálogos das personagens (o que, diegeticamente, ele realiza ao torná-los legíveis para o leitor não crioulofófono) e se constrói como intérprete e divulgador desse universo sociocultural para o leitor francófono, um pouco como o personagem Manuel. Dividido entre o desejo de buscar a autenticidade *indigène* e a necessidade de inserir-se no espaço editorial da língua francesa, esse narrador pesa, equaciona e negocia uma língua literária construída na presença do multilinguismo caribenho: o *créole*, o francês-francês, o francês haitiano, o espanhol, o latim dos ritos cristãos são línguas que compõem um mosaico multilíngue, no qual a relação tradutória fundamenta a construção de uma língua literária capaz de hospedar tensões político-linguísticas e tirar daí uma poética haitiana.

Uma das marcas dessa negociação é a inserção, por parte do narrador, de notas de tradutor. São mais de quarenta, sem marcações que as separem da diegese do romance, de modo que integram a voz do narrador. Essas notas traduzem algumas frases e expressões que, imagina-se, o leitor francófono não compreenderá. Nelas, o multilinguismo vem à superfície. Para “*huelga*”, por exemplo, o narrador-tradutor anota: “Esp.: la grève” (ROUMAIN 1977: 41); para o provérbio “*Pissé qui gaillé, pas cumin*”, anota: “*Le pissat dispersé n’écume pas. Equivaut à: Pierre qui roule n’amasse pas mousse*” (ROUMAIN 1977: 54); para a exclamação “*Pitite mouin, ay pitite mouin*”, anota: “*Mon petit, ah mon petit*” (ROUMAIN 1977: 44).

Além das notas de rodapé, há também explicações tradutórias no corpo do texto, trechos em que o narrador parece fazer questão de marcar seu

²³ “*Nous avons un mot pour ça, nous autres nègres d’Haïti*”.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 131-153

www.revistas.usp.br/tradterm

pertencimento a um grupo haitiano ao qual provavelmente não pertence o leitor francófono:

Temos um palavra para isso, nós pretos do Haiti: o teleboca, é assim que chamamos²⁴. (ROUMAIN 1977: 177).

Se a gente é de um lugar, se a gente nasceu nesse lugar, como se diz, nativo-natal, pois bem, então a gente o carrega nos olhos, na pele, nas mãos²⁵. (ROUMAIN 1977: 36).

Há diferenças, portanto, que o narrador traduz em nota ou no corpo do texto, e há diferenças cuja estrangeiridade não se negocia. O leitor francófono, nesses casos, estará diante da presença de um outro que habita essa língua francesa transformada pelo discurso literário haitiano: “*Ô Bienaimé, nègre à moué...*” (ROUMAIN 1977: 18-19, grifo nosso); “*nous étions assis à cette même place, à la nuit tombée, et je commençais : Cric ? Crac, et à la fin tu dormais la tête sur mes genoux, c’était comme ça, mon fi*” (ROUMAIN 1977: 131, grifo nosso).

Um dos trechos de estrangeiridade e crioulização mais radicais, ironicamente, não é um canto crioulo, um provérbio haitiano, mas aquilo que se chama no romance “*français français*”:

À l’époque, on était plus éclairé que vous autres nègres d’aujourd’hui, on avait de l’instruction : je commence donc dans mon français français : “Mademoiselle, depuis que jé vous ai vur, sous la galérie di presbytè, j’ai un transpô d’amou’ pou’ toi. J’ai déjà coupé gaules, poteaux et paille pou’ bâtir cette maison de vous. Le jou’ de not’ mariage, les rats sortiront de leurs ratines et les cabris de Sor Minnaine viendront beugler devant notre porte. Alô’ pou’ assurer not’ franchise d’amour, Mademoiselle, je demande la permission pour une petite effronterie”. (ROUMAIN 1977: 57-58, grifo nosso).

Trata-se de francês-francês, por isso o narrador-tradutor, provocativo, não negociará qualquer “tradução”, mas o leitor francófono experimenta aí um dos momentos mais drásticos de estrangeiridade, de intradutibilidade até: vê-se diante de uma língua tocada por certa tonalidade francesa

²⁴ “*Nous avons un mot pour ça, nous autres nègres d’Haïti : le télégueule que nous disons*”.

²⁵ “*Si l’on est d’un pays, si l’on y est né, comme qui dirait : natif-natal, eh bien, on l’a dans les yeux, la peau, les mains [...]*”.

(“*Mademoiselle*”, “*une petite effronterie*”), mas mexida, apropriada e recriada por um sujeito que não a “domina” no sentido normativo, mas a domina no sentido irônico e paródico da reapropriação pelo descolonizado da língua do colonizador (GLISSANT 1997: 40-57).

Procedimento análogo acontece após o enterro de Manuel. Antoine, único personagem a quem se atribui a capacidade de “saber a escrita”, escreve “com uma letra aplicada e desajeitada: **AQUI JAZ MANUEL JAN-JOSEF**”²⁶ (ROUMAIN 1977: 249, grifo nosso). Bernabé (2003: 1575) vê aí uma epifania: a grafia se afasta das normas francesas e o protagonista reassume a autonomia do seu nome supostamente francês (“Jean-Joseph”), mas digerido pelo universo haitiano (“Jan-Josef”). Essa diferença criouliizante se escreve no túmulo, tem a força institucional da escrita e o prazo da eternidade.

O narrador explicita, assim, o processo de negociação linguística e desvela a cena tradutória em que se constrói essa língua literária não totalmente francesa, mas também não puramente *créole*, trazendo à baila, inclusive, as tensões entre oralidade e escrita implicadas pela diglossia francês/crioulo.

Além desses exemplos, outros recursos criouliizantes se engendram pela voz do narrador-tradutor. Não são uma transcrição direta do *créole*, nem um simples estrangeirismo, mas a criação de uma língua que, traduzindo o *créole* dos personagens, criouliiza o francês por dentro.

Repetições de insistência (“*Moi, j’aime les cigares bien forts, moi-même*”, ROUMAIN 1977: 46; “*Tout mon corps me fait mal, tout mon corps accouche la misère, moi-même*”, p. 18), construções sintáticas inusuais (“*Si l’on est d’un pays, si l’on y est né, comme qui dirait : natif-natal, eh bien, on l’a dans les yeux*”, 1977: 36), arcaísmos (o verbo “*bailler*”, presente em inúmeras passagens), expressões inesperadas, oriundas de estruturas *créoles* (“*Mais c’est inutile, parce qu’il y a si tellement beaucoup de pauvres créatures*”, p. 17; “*une bougresse avec qui on ne pouvait pas bêliser, faisaient leur mea culpa*”, p. 28; “*Est-ce que tu viendras demain-si-dieu-veut*”, p. 72; “*morne*”, em inúmeras páginas; os já

²⁶ “Antoine écrira, car il sait, d’une écriture appliquée et maladroite: **CI-GIT MANUEL JAN-JOSEF**”.

mencionados “*natif-natal*”, p. 36, e “*télegueule*”, p. 177; “*chrétiens vivants*”, p. 17, expressão crioula grafada atualmente como “*kreyten vivan*”), traços da dimensão oral (“*on va prendre un petit quèque chose*”, p. 248; “*sauf vot’ respect*”, p. 54; “*ô Jésus-Marie la Sainte Vierge*”, p. 17), léxico oriundo do universo natural e cultural antilhano (“*des bananes, des patates, des ignames en gaspillage*”, p. 28; “*bayahondes*”, p. 17; “*Maître des Carrefours*”, p. 33; “*Un madras de nuages soufrés*”, p. 21; “*la colline arrondie est semblable à une tête de négresse aux cheveux en grains de poivre*”, p. 15; “*plein de clairin comme une dame-jeanne*”, p. 144) são um pequeno apanhado de algumas dessas estratégias poético-tradutórias²⁷.

Talvez seja no título, inclusive em razão de sua posição de destaque, que possamos encontrar o exemplo mais impactante dessa poética tradutória criouliizante inaugurada por Roumain.

Gouverneurs de la rosée é de partida um título polissêmico. De um lado, aponta para a pobreza: quem tem poder sobre o orvalho não tem poder sobre nada, é água que evapora à primeira luz do dia. De outro, aponta para a emancipação e autodeterminação de uma comunidade: não só porque, na narrativa, “*rosée*” faz parte de uma cadeia isotópica - “*arroser*” (irrigar, regar), “*arrosage*” (irrigação, rega) - que remete à água, mas principalmente porque, no plano fonético, dois signos se fazem ouvir: “*gouverneurs de la rosée*” é também “*gouverneurs de l’arrosé*”. Pela ambiguidade polifônica, vão da vulnerabilidade do orvalho à abundância dos campos irrigados.

Roumain introduz a dinâmica criouliizante no título pelo aspecto fonético (dimensão oral geralmente associada ao *créole*), mas também pela busca tradutória. Na crítica literária, há uma discussão verdadeiramente labiríntica que procura identificar a expressão *créole* na qual Roumain teria se baseado para chegar a “*gouverneurs de la rosée*”. Constantini (2005) detalha essas hipóteses. Para nossos fins, podemos simplificá-las e descrevê-las em quatro grupos: 1) Hoffmann (1976) e Bernabé (2003 [1978]) atribuem à expressão “*gouvènè rouzé*” a origem *créole* do título do romance; “*gouvènè rouzé*” nada mais seria do que o encarregado da irrigação de uma lavoura em

²⁷ Chaulet-Achour (2010: 93-94) e Constantini (2005: 79-82) fazem um levantamento bastante detalhado de trabalhos que se debruçam especificamente sobre a complexidade linguística presente em *Gouverneurs de la rosée*.

tempos coloniais; em francês, a expressão, desterritorializada, ganha contornos poéticos polissêmicos; 2) Roger Dorsinville (1981), por sua vez, credita o achado de Roumain à expressão “*soukèlarouzé*” (outra variação seria “*choukèt larouze*”), expressão meio jocosa, que designa aqueles que se levantam muito cedo e “sacodem” o orvalho ao caminhar conforme o sol se levanta; 3) Hoffmann, em 2003, refuta sua própria hipótese inicial de 1976 e defende outra etimologia:

Roumain teria traduzido e adaptado *mèt lawouze* (literalmente, “mestre da irrigação” [*maître de l’arrosage*], em crioulo haitiano), a quem uma comunidade rural confia a gestão de tudo que diz respeito à irrigação²⁸. (HOFFMANN 2003: 257-258).

Ainda, 4) Constantini (2005), por sua vez, acredita que “*gouverneurs de la rosée*” advenha de uma mistura de diferentes temporalidades: Roumain teria partido de uma locução *créole* corrente tanto no seu tempo como na época colonial (“*choukèt larouze*” seria o mais provável), e deve tê-la enriquecido com uma locução antiga: “*mèt lawouze*”, “*maître arroseur*”. O vocábulo “*gouverneur*” viria, finalmente, para introduzir no achado roumainiano a figura da administração colonial metropolitana, cargo equivalente ao de governador-geral da coroa portuguesa no Brasil. É empregado, no entanto, no plural (algo impossível em tempos coloniais, já que o *gouverneur* era um único administrador), invertendo a lógica do poder metropolitano em favor da coletividade haitiana.

Para nossa discussão, essas tantas hipóteses são menos conflituosas e mais indicativas do que temos buscado demonstrar: Roumain utiliza-se de uma relação tradutória para reposicionar o *créole* frente ao francês e se apropriar criativamente deste a partir da posição de escritor haitiano. Ecoando diferentes registros crioulos, diferentes temporalidades do francês colonial e do haitiano, “*gouverneurs de la rosée*” se torna uma caixa multilíngue de ressonâncias, o título se ramifica e se espalha em diferentes tempos e espaços.

²⁸ “*il semble qu’en créole, [...] le titre “gouverneurs de la rosée” n’existe pas [...]. Roumain aurait en fait traduit et adapté mèt lawouze (littéralement “maître de l’arrosage”, en créole haitien) qui désigne la personne à qui une communauté paysanne confie la gestion de tout ce qui concerne l’irrigation*”.

Trata-se de um título, portanto, que demonstra o princípio poético-tradutório criouliizante que estrutura a criação dessa língua literária haitiana (antilhana, se quisermos) e que representa a negociação linguística por parte de Roumain, criando um achado “no entremeio do político, do referencial linguístico e do poético”²⁹ (CHAULET-ACHOUR 2010: 45). Já no título, Roumain cria uma relação tradutória tal que transforma o *créole* em francês e, ao fazê-lo, transforma o francês na presença do *créole*, subvertendo a hierarquia de poder que caracterizava a diglossia, herdada da história colonial, entre francês e crioulo no Haiti.

4. Uma poética tradutória criouliizante?

Em *Gouverneurs de la rosée*, há uma espécie de dupla encenação tradutória: Manuel traduz *en bon créole* a língua do mundo natural; e o narrador traduz o universo *créole* para o francês, já que os personagens usam o *créole*, mas a narrativa e as falas se dão a ler num certo francês. Combe (1995: 138) já havia notado que “o escritor francófono [...] vai de encontro a uma convenção fundamental do gênero romanesco, contrário à verossimilhança: os personagens, mesmo não conhecendo a língua francesa, falam francês”³⁰. A solução para isso passa pela criação de um “estilo polifônico” (COMBE 1995: 137) que não chega a criar uma língua realmente nova, no sentido estrito do termo, mas introduz no francês aquele *outro* sistematicamente recalcado, no caso da literatura haitiana: o *créole* (BERNABÉ 2003).

No romance de Roumain, essa dupla encenação tradutória ultrapassa os códigos da verossimilhança e cria uma língua literária que, sem abrir mão do francês, desterritorializa o leitor francófono e, no espírito *indigéniste*, reterritorializa a língua francesa em presença do *créole*. A tradução se torna uma espécie de princípio poético de *Gouverneurs de la rosée*, servindo de

²⁹ “à mi-chemin du politique, du référentiel linguistique et du poétique”.

³⁰ “l'écrivain francophone, plus que tout autre, se heurte à une convention fondamentale du genre romanesque, contraire à la vraisemblance : les personnages étrangers, tout ignorants qu'ils sont de la langue française, parlent français”.

base para a criação de uma língua literária haitiana. O créole (ou a criouliização do francês) tem assim um caráter fortemente político.

Talvez seja possível afirmar que há em *Gouverneurs de la rosée* tanto a criação de uma língua literária haitiana, quanto a sugestão, graças ao dispositivo narrativo que descrevemos, de uma poética tradutória criouliizante. Combe (2019: 127), que já identificara na tradução o lugar privilegiado do multilinguismo, e no escritor francófono um pensador privilegiado das relações linguísticas, sustenta que

a tradução, no seu princípio, mantém afinidades profundas com a escrita em uma segunda língua. Traduzir, com efeito, significa tentar restituir numa língua (o francês, no caso) a “estrangeiridade” de uma outra, segundo um compromisso, uma mestiçagem. Trata-se de evitar tanto a apropriação etnocêntrica, que reduz a alteridade do texto traduzido, quanto a transcrição literal, que desafia o gênio da língua de chegada. A tradução, em suma, “desterritorializa” a língua-alvo pelo eco da língua traduzida³¹. (COMBE 1995: 55).

Tradução ética, diria talvez Berman (1984; 1985), na medida em que introduz no francês um modo de dizer o real haitiano pelo haitiano, isto é, pelo *créole*; “translação das poéticas”, como diria Glissant (apud AMARAL 2021: 206), aberta à criouliização das línguas na fabricação do romance antilhano; tradução, portanto, criouliizante, *criada* (*créole* - *create*) de um encontro mais ou menos imprevisível entre o *créole*, o francês haitiano, o francês-francês, o espanhol. O narrador-tradutor de *Gouverneurs de la rosée*, fazendo-se uma espécie de porta-voz - “*nous nègres d’Haïti*” (ROUMAIN 1977: 177) -, transforma a língua em espaço de rebelião e emancipação: para além de se tornarem donos, senhores ou governadores do orvalho, da irrigação, tornam-se também autores-tradutores de um discurso literário haitiano, para o qual se cria, através de duas cenas tradutórias construídas narrativamente no romance, uma língua literária própria, capaz de dizer o real e o imaginário do Haiti. A língua, afinal, “não pertence àqueles que a veicularam ou impuseram, mas,

³¹ “La traduction, dans son principe, entretient des affinités profondes avec l’écriture dans une langue seconde. Traduire, en effet, c’est tenter de restituer dans une langue (le français, en l’occurrence) l’« étrangeté » d’une autre, selon un compromis, un métissage. Il s’agit d’éviter aussi bien l’appropriation ethnocentrique, qui réduit l’altérité du texte traduit, que la transcription littérale, qui défie le génie de la langue d’arrivée. La traduction, en somme, « déterritorialise » la langue-cible par l’écho de la langue traduite”.

culturalmente, pertence àqueles que dela se apropriaram como ‘arma milagrosa’, recriando-a nas suas próprias criações³²” (MAXIMIN, 2005, p. 25). Tal é uma solução, via relação tradutória, para, de dentro (e, em alguma medida, também de fora) da língua francesa, dela se apropriar, não na lógica colonizador-colonizado, mas na lógica da crioulização.

Na posição de pesquisadores e tradutores brasileiros, essas reflexões podem trazer consequências em duas direções complementares. Fornecem subsídios teóricos para a análise crítica de traduções de obras haitianas e permitem vislumbrar princípios para a elaboração de modos de traduzir e retraduzir obras caribenhas no Brasil, nos quais o tradutor se vê impelido a traduzir em presença de todas as línguas que atravessam e criam o texto, inclusive, ou principalmente, essa língua francesa não totalmente francesa.

Referências bibliográficas

- ALEIXO, Ricardo. Não totalmente francesa. In: *Pesado demais para a ventania: antologia poética*. São Paulo: Todavia, 2018, pp. 91-93.
- AMARAL, Henrique Provinzano. Traduzir a Relação das línguas: uma conversa com Édouard Glissant. *Tradterm*, n. 39, São Paulo (CITRAT-USP), 2021, pp. 196-215.
- BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain. In: *Les tours de Babel*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985, pp. 35-150.
- BERNABÉ, Jean. Contribution à l'étude de la diglossie littéraire créole-français : le cas de *Gouverneurs de la rosée*. In: ROUMAIN, Jacques. *Œuvres complètes de Jacques Roumain*. Edição crítica de Léon-François Hoffmann. Coleção Archivos. Madrid, Nanterre: Allca XX - Unesco, 2003 [1978], pp. 1561-1575.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal, Diário de um retorno ao país natal*. Trad. Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: EdUSP, 2012.
- CHAULET-ACHOUR, Christiane. *Gouverneurs de la rosée de Jacques Roumain. La pérennité d'un chef-d'œuvre*. Paris: L'Harmattan, 2010.
- _____. *Les francophonies littéraires*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2016.
- COMBE, Dominique. *Poétiques francophones*. Paris : Hachette Éducation, 1995.
- _____. *Littératures francophones: questions, débats et polémiques*. Paris: PUF, 2019.

³² “La langue n'appartient pas qu'à ceux qui l'ont véhiculée ou imposée, mais culturellement, elle appartient à ceux qui se la sont appropriée comme “arme miraculeuse” de leur récréation et de leurs créations”.

- CONFIANT, Raphaël. Qu'est-ce que la culture créole? Conferência proferida em 7 de maio de 2004, siège de la DEE-Martinique. Disponível em: <https://www.potomitan.info/atelier/culture.php>.
- CONSTANTINI, Alessandro. Un français bâtard, quelque peu bruni sous les tropiques. *Francofonia*, n. 49 (Lectures et écritures haïtiennes), Università di Bologna, outono 2005, pp. 79-93.
- DALEMBERT, Louis-Philippe; TROUILLOT, Lyonel. *Haïti: une traversée littéraire*. Paris: Culturesfrance, Philippe Rey ; Port-au-Prince: Presses Nationales d'Haïti, 2010.
- DORSINVILLE, Roger. *Jacques Roumain*. Paris: Présence Africaine, 1981.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Posfácio. In: ROUMAIN, Jacques. *Senhores do orvalho*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2020.
- GLISSANT, Edouard. *Poétique de la relation: Poétique III*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997 [1981].
- _____. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo A. Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005 [1995].
- _____. Haïti, point focal de la Caraïbe. *Cultures du sud*, n. 168 (Caraïbes: un monde à partager), janvier-mars 2008, pp. 28-31.
- HOFFMANN, Léon-François. Complexité linguistique et rhétorique dans *Gouverneurs de la rosée*, de Jacques Roumain. *Présence Africaine*, n. 98, Paris, 1976, pp. 145-161
- _____. Langages et rhétorique dans *Gouverneurs de la rosée*, de Jacques Roumain. In: *Haïti: lettres et l'être*, Toronto, Éd. du GREF, 1992.
- _____. Introduction. In: ROUMAIN, Jacques. *Œuvres complètes de Jacques Roumain*. Edição crítica de Léon-François Hoffmann. Coleção Archivos. Madrid, Nanterre: Allca XX - Unesco, 2003, pp. 257-265.
- LAFERRIÈRE, Dany. Texto de quarta capa. In: ROUMAIN, Jacques. *Gouverneurs de la rosée*. Montréal : Mémoire d'Encrier, 2007.
- LAROCHE, Maximilien. *La littérature haïtienne*. Ottawa: Éditions Leméac Inc, 1981.
- _____. *La double scène de la représentation: oriculture et littérature dans la Caraïbe*. Sainte-Foy, Québec: Université Laval, 1991.
- MAXIMIN, Daniel. La francophonie culturelle. *Synergies France*, n. 3, Paris, 2005.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'oncle*. Édition numérique. Chicoutimi: Université du Québec à Chicoutimi, 2009 [1928]. Disponível em: http://classiques.ugac.ca/classiques/price_mars_jean/ainsi_parla_oncle/ainsi_parla_oncle.pdf.
- ROUMAIN, Jacques. *Gouverneurs de la rosée*. Fort-de-France: Éditions Émile Désormeaux, 1977 [1944].
- _____. *Donos do orvalho*. Trad. Emmo Duarte. Coleção Romances do Povo. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954.
- _____. *Senhores do orvalho*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2020.
- SEMUJANGA, Josias. Panorama des littératures francophones. In: NDIAYE, Christiane (org.). *Introduction aux littératures francophones*:

Afrique, Caraïbes, Maghreb. Montréal : Les Presses de l'Université de Montréal, 2004, pp. 9-61.

THÉSÉE, Gina; CARR, Paul R. L'environnement et l'identité écologique dans le roman *Gouverneurs de la rosée* de Jacques Roumain. *Éducation relative à l'Environnement*, vol. 12, Montreal, 2015, pp. 17-37.